

O ENSINO DAS ESTRATÉGIAS DE LEITURA, BASEADO EM EVIDÊNCIAS, SOBRE OS PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO DA LEITURA DOS ALUNOS NA ETAPA DE ALFABETIZAÇÃO

Luciane Aparecida de Souza¹

7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo

O texto é parte da pesquisa que venho desenvolvendo na tese de doutoramento sobre o ensino de estratégias de leitura no Ciclo de alfabetização. A investigação é norteada pela questão: “como o desenvolvimento profissional docente, com base em evidências sobre os processos de apropriação da língua escrita e o desenvolvimento de estratégias de leitura pelo aluno, impacta em seu desempenho na etapa da alfabetização?” Para tal é utilizada abordagem metodológica longitudinal de cunho qualitativo, a partir da abordagem da pesquisa colaborativa (IBIAPINA, 2016), pois os alunos vêm sendo acompanhados por três anos letivos seguidos. Assim, objetiva identificar como o planejamento voltado para mobilização das estratégias de leitura impacta na competência leitora dos alunos, tendo como evidência os resultados da aplicação dos protocolos de leitura aos estudantes. A intervenção no planejamento dos docentes se dá a partir dos pressupostos teóricos sobre o ensino das estratégias de leitura de Solé (1998) e Souza (2010). Os resultados obtidos até o momento apontam para eficácia do ensino da leitura numa perspectiva investigativa, uma vez que indica importantes sinais de como o educando vem se apropriando da língua escrita e construindo sentidos para o que lê. **Palavras-chaves:** Desenvolvimento Profissional Docente.; Alfabetização; Estratégias de Leitura; Evidências.

Introdução

A pesquisa proposta surge a partir de duas inquietações pontuais. A primeira são as indagações que se constituíram na minha prática durante dez anos, como professora alfabetizadora dos alunos das classes populares, a segunda de minha experiência como formadora/orientadora de estudos em dois Programas de Formação Continuada para Alfabetizadores do Governo Federal: Pró-Letramento – Alfabetização e Linguagem (De 2005 a 2010) e PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (De 2012 a 2017), realizados com os professores alfabetizadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em um município do interior do estado do Rio de Janeiro.

A experiência enquanto formadora nesses dois programas de formação de professores em exercício fez com que eu me aproximasse mais dos professores

¹ Doutoranda em Educação pelo PPGE, da Universidade Federal de Juiz de Fora/Minas Gerais. Coordenadora Pedagógica da Educação Básica do Estado do Rio de Janeiro. Contato: lucianeape@gmail.com

alfabetizadores e partilhasse com eles alguns de seus saberes e também suas inquietações. Muitas dessas inquietações são referentes ao ensino da leitura² e despertaram-me o desejo de aprofundar os estudos sobre o processo de alfabetização.

Diante do que foi apresentado, a questão de investigação que deu origem à pesquisa foi *“como o desenvolvimento profissional docente, com base em evidências sobre os processos de apropriação da língua escrita e o desenvolvimento de estratégias de leitura pelo aluno, impacta em seu desempenho na etapa da alfabetização?”* Para compreender essa questão, os objetivos foram:

- Compreender aspectos do processo de apropriação da língua escrita (alfabetização) por estudantes do ciclo de alfabetização – 1º ao 3º ano , numa perspectiva longitudinal, e as estratégias de leitura que esses estudantes utilizam para interagir com textos de diferentes gêneros;

- Orientar o desenvolvimento profissional docente³ dos professores alfabetizadores atuantes em turmas do 1º ao 3º anos do Ensino Fundamental com base em evidências sobre o processo de apropriação da língua escrita (alfabetização) dos estudantes dessas turmas;

- Analisar possíveis efeitos do desenvolvimento profissional dos professores alfabetizadores nos processos de aprendizagem dos estudantes.

A partir dos objetivos da pesquisa estabeleceu-se relações entre como os alunos vão aprendendo a leitura e como é possível conduzir a formação de professores com base em evidências produzidas sobre esse processo, através de um instrumento de avaliação diagnóstica aplicado aos alunos, um protocolo de leitura.

Nesse contexto, a pesquisa se propôs a produzir evidências, por meio da aplicação do protocolo de leitura a um mesmo grupo de estudantes de uma rede municipal de ensino (do interior do Estado do Rio de Janeiro), ao longo dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, sobre como esses estudantes vêm se alfabetizando, como vêm se tornando leitores, bem como refletir sobre os resultados obtidos por meio da aplicação do protocolo com os professores desses estudantes, no âmbito de uma ação do desenvolvimento profissional

² Nesse contexto, falas como: “Sempre ensinamos a ler com o método silábico, partindo das sílabas simples para as complexas e deixando para apresentar textos só a partir da antiga 1ª série. E sempre deu certo! Por que agora com tanta inovação as crianças têm mais dificuldade em aprender a ler?” (Professora Y) – despertaram-me desejo de aprofundar os estudos sobre o processo de aquisição da leitura.

³ Nesta pesquisa, os encontros de formação e planejamento dos professores alfabetizadores serão trabalhados com o conceito de desenvolvimento profissional docente (DPD) em substituição do termo, geralmente utilizado: formação continuada. A escolha por esse termo se deu porque pretende-se enfatizar o processo de aprendizagem e desenvolvimento do professor ao invés de seu processo de formação (CRECCI, FIORENTINI, 2013). O DPD surge, portanto, para demarcar uma diferenciação com a ideia de formação docente baseada em cursos que não estabelecem relação com o cotidiano e com as práticas profissionais, rompendo com o conceito tradicional de formação, contribuindo com a problematização e transformação das práticas escolares e com a emancipação dos professores (CRECCI, FIORENTINI, 2013).

docente.

2 Fundamentação teórica

Como já apontado anteriormente, a experiência com a formação de professores alfabetizadores no Pró-letramento, no PNAIC e nas discussões e estudos no grupo de pesquisa Linfe, fizeram-me observar como é necessário o debate sobre a relação entre a formação acadêmica e a prática alfabetizadora, em especial a prática referente à formação de leitores que se realiza no cotidiano dos anos iniciais da Educação Pública.

E foi nesse contexto que foi observado como não encontramos (nesses dois programas de formação em exercício oferecidos pelo governo federal: Pró-letramento e Pnaic) um referencial teórico específico para o aprofundamento do ensino da leitura. No Pró-Letramento, no fascículo denominado Organização e uso da biblioteca escolar e salas de leitura, encontramos reflexões sobre os diferentes suportes de texto, as diversas possibilidades de leitura e da importância fundamental da mediação docente no processo de letramento. Já no PNAIC o tema é abordado por ano de escolaridade, no Caderno 2 do material.

Nos dois programas o conceito de leitura é muito bem apresentado, pois o coloca como uma atividade complexa, em que o leitor produz sentidos a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos. A decodificação é apresentada como importante aquisição, pois é tomada como parte da leitura na qual o leitor, basicamente, junta letras e forma sílabas; junta sílabas e forma palavras e junta palavras para formar frases. Porém, fica claro que não é *apenas* decodificação, é também compreensão e crítica. Assim, tal conceito é apresentado como atividade cognitiva e atividade social.

Como atividade cognitiva, pressupõe que, quando as pessoas leem, estão executando uma série de operações mentais (como perceber, levantar hipóteses, localizar informações, inferir, relacionar, comparar, sintetizar, entre outras) e utilizam estratégias que as ajudam a ler com mais eficiência. Como atividade social, a leitura pressupõe a interação entre um escritor e um leitor, que estão distantes, mas que querem se comunicar. Fazem isso dentro de condições muito específicas de comunicação, pois cada um desses sujeitos (o escritor e o leitor) tem seus próprios objetivos, suas expectativas e seus conhecimentos de mundo (BRASIL, 2005).

No entanto, em nenhum dos dois programas (nem no Pró-letramento, nem no PNAIC) encontram-se, explicitamente, discussões que façam o elo leitura e planejamento de ensino da leitura que ofereçam aos professores alfabetizadores reflexões sobre a importância de tal planejamento.

Por esse motivo, o referencial teórico que orienta o planejamento e o estudo com os professores da pesquisa também parte dos pressupostos teóricos dos dois programas de formação oferecidos aos alfabetizadores, porémagregadiscussões e reflexões sobre o planejamento das estratégias de ensino que possam impactar positivamente na formação da competência leitora dos alunos.

A base teórica que sustenta as reflexões pressupõe a concepção interativa de linguagem de Vigotsky (1984) e Bakhtin (1997), a concepção de alfabetização de Paulo Freire (1995, 2000, 2006) e Smolka (2013), os estudos sobre o ensino das estratégias de leitura de Solé (1998).

Assim, corroborando com as ideias de Bakhtin, nesta pesquisa a linguagem é compreendida como condição necessária para a organização produtiva do homem, sendo produto da vida social desde sua origem e, como tal, refletindo todas as suas tensões e contexto. Numa palavra: a linguagem aqui compreendida tem relação indissociável com o mundo e com o contexto concreto no qual está inserida (BAKHTIN, 1997). A partir desse referencial, a concepção de língua adotada também sofre mudanças e reconfigura o objeto da aprendizagem e do ensino da leitura e da escrita e, conseqüentemente, o processo dessa aprendizagem e desse ensino.

Dessa forma, no quadro dessa nova concepção de língua, a prática de uso da escrita e da leitura na escola é considerada como sendo, fundamentalmente, a instituição de situações de enunciação em que a expressão escrita se apresente como a alternativa possível ou a mais adequada para atingir um objetivo ou necessidade ou desejo de interação com um interlocutor ou interlocutores claramente identificados (SOARES, 2001). Essa mudança de concepção de língua escrita é que leva à distinção entre o exercício de “ler” – mera decodificação de signos – e “ler” – a interação entre o autor e o leitor.

Nesse contexto, o conceito de alfabetização assumido nesta pesquisa vai além da decodificação dos signos. Assume um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “possibilita a leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (FREIRE, 2006, p. 68).

Para aprofundar a discussão sobre o desenvolvimento da competência leitora, Solé (1998) nos ajuda a entender que este é um processo de aprendizagem progressiva, indispensável para que os estudantes adquiram os conhecimentos de todas as áreas. Assim, partindo de tal premissa, para que o aluno se torne um bom leitor é preciso que a ele sejam ensinadas estratégias de leitura, que envolvem: habilidades, técnicas, procedimentos, destreza (SOLÉ, 1998), pois ler é uma atividade cognitiva que exige operações mentais que

vão além da decodificação.

Consequentemente, para compreender um texto é preciso associar várias informações, ou seja, ter uma postura de leitor ativo, capaz de mobilizar conhecimentos para construir o sentido. Portanto, para ler (construindo sentidos) necessitamos, simultaneamente: manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias (SOLE, 1998).

3 Metodologia

Opotei pela pesquisa colaborativa porque é uma abordagem que vem apresentando resultados significativos no tocante à formação continuada de professores e ao ensino-aprendizagem. Na busca por aprimorar os mecanismos de entrada do pesquisador no ambiente escolar, a pesquisa colaborativa visa à intersecção entre academia e escola no sentido de promover conhecimento, autoavaliação e construção de novas práticas, por meio da ação e da reflexão (BORTONI-RICARDO, 2011), que conduzam à produção de metodologias próprias de trabalho, sustentadas por escopo teórico-metodológico adequado.

Nesse contexto, em vez de o pesquisador inserir-se no ambiente escolar apenas para observar, dizer o que está ou não adequado, objetiva-se discutir junto ao professor a realidade de seu trabalho, as dificuldades encontradas e oferecer subsídios teórico-metodológicos para a implementação de novas práticas que (re)signifiquem seu trabalho. Trata-se, portanto, de uma proposta de pesquisa em que todo o processo é conduzido em coparticipação entre professor e pesquisador, visando sempre à reestruturação e (re)construção do trabalho com a linguagem em situação de ensino, no caso específico deste estudo, dos aspectos relacionados ao ensino sistematizado de estratégias de leitura.

Dessa forma, seguindo a concepção apresentada para o desenvolvimento deste estudo, além de alicerçá-lo na proposta colaborativa de pesquisa, também fundamentei a investigação na teoria dialógica do discurso, no que se refere aos conceitos de interação e responsividade (BAKHTIN, 1997).

Segundo Bakhtin (1997), os sentidos se constroem por meio da interação entre o locutor e o outro. Nesse ato, locutor e interlocutor ocupam um papel ativo, de negociação, reelaboração. Nesse contexto, ainda segundo Bakhtin (1997), nossos discursos são sempre permeados por outras vozes, ou seja, tudo o que dizemos carrega consigo outros discursos já ouvidos/lidos, outras experiências vividas, que nos fazem elaborar um discurso ao mesmo tempo plural, mas sempre marcado por idiosincrasias.

Nessa perspectiva, ao dirigirmos nosso discurso ao outro, sempre esperamos deste uma resposta. Por essa razão, todo enunciado exige uma atitude responsiva; ainda que não

haja uma reposta/uma contrapalavra verbalizada, o discurso proferido sempre ecoará algo no outro, seja de forma imediata ou tardia, em outras interações dos quais esse outro participar (BAKHTIN, 1997).

Portanto, a pesquisa aqui relatada trata-se de uma pesquisa colaborativa por estar sendo construída fundamentalmente pela interação entre pesquisador e docente e entre docente e educandos. A partir de trabalho de estudo teórico-metodológico desenvolvido entre pesquisador e docente, as práticas de sala de aula (especificamente das aulas de leitura) vem sendo produzidas e refletidas tendo como ponto de partida as evidências geradas pelos protocolos de leitura.

4 Resultados e Discussão

Em 2018, o Protocolo de leitura foi aplicado a um universo de 99 estudantes, dos 106 matriculados no 1º ano do Ensino Fundamental, da rede pública de ensino de Comendador Levy Gasparian, na primeira semana de março do ano letivo de 2018. O instrumento foi composto de 73 tarefas, sendo leitura de vinte palavras e três frases com níveis de complexidade distintos e quatro textos dos seguintes gêneros: uma receita, um poema, um HQ e um cartaz.

Portanto, a aplicação do protocolo de leitura permitiu a produção de evidências sobre a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes referentes às habilidades de leitura. Assim, os dados produzidos com base na aplicação do instrumento foram o ponto de partida para o planejamento dos encontros de formação com os professores que, além de objetivar o estudo/ planejamento das estratégias de leitura, também foi um espaço para que pudesse (junto com os professores) fazer a análise dos dados e planejar práticas de alfabetização, a fim de (no início e no final do ano letivo de 2020) realizar a terceira e a quarta aplicações do protocolo de leitura (respectivamente), para a avaliação dos desenvolvimentos dos alunos.

Ao fazermos a análise da primeira parte do protocolo (Leitura de palavras), verificamos que dos 84% dos alunos que não conseguiram realizar a tarefa, todos conseguiram identificar as letras da maior parte das palavras, soletrando-as. Eles ainda não tinham a habilidade de juntar as letras para formar as sílabas. Mas conhecia todas as letras do alfabeto. Os 16% de estudantes que conseguiram completar a tarefa, demonstraram conhecer que a escrita é uma sequência de letras e que para cada letra existe um som.

Quanto à leitura das frases, 87% dos alunos que não realizaram a tarefa, também reconheceram as letras, mas não reconhecem que a palavra é composta por letras. Então, quando se perguntou a quantidade de palavras na frase, eles contavam as letras. No entanto, os 15% de estudantes que conseguiram realizar a leitura de frases, demonstrou conhecer que

a escrita é linear e que as palavras são separadas por espaços em branco na frase.

A análise do desempenho dos estudantes na leitura dos textos foi a que levantou mais discussão.

Na análise do desempenho da leitura do gênero textual Receita, observamos que 5% dos estudantes se aproximaram do gênero receita e 2% conseguiram levantar a hipótese correta. Desse universo, 3% dos estudantes reconheceram corretamente a finalidade do gênero e sua função social, mesmo sem conseguir ler todo o texto. Apenas um aluno conseguiu ler o texto todo, mesmo que com dificuldade. O que nos permitiu inferir que as crianças se apoiaram exclusivamente nas imagens.

Nesse momento, fizemos uma discussão de como é importante o trabalho de leitura que explore o aspecto discursivo do texto, trabalhando a dimensão discursiva da leitura, que permite a criança levantar hipóteses sobre o gênero, mesmo sem saber ler alfabeticamente

Na análise do desempenho da leitura do gênero Cartaz, 6% dos alunos conseguiram formular hipótese sobre o gênero textual antes da leitura, fazendo referência a outros elementos em relação ao cartaz: ao espaço físico que circula, por exemplo. Apenas um aluno conseguiu ler, mesmo que com pouca fluência. Mas mesmo as crianças não lendo alfabeticamente, os professores concluíram que esse é um gênero textual que deve ser mais trabalhado com as crianças, pois apresenta linguagem verbal e não verbal, o que pode facilitar a leitura por parte dos alunos que estão se apropriando do Sistema de Escrita Alfabética.

Sobre o gênero textual História em Quadrinhos, apenas um aluno conseguiu inferir corretamente a intenção do personagem no início da história. Ou seja, mais que 90% dos estudantes acharam que a intenção do personagem era fazer outra ação, que não a de construir uma canoa para brincar no rio. Essa resposta indica que os estudantes realizaram uma inferência com relação às intenções do personagem, sem considerar todos os elementos da sequência de imagens, em especial o rio, que aparece no último quadro e a expressão facial do personagem, que demonstra decepção com o ocorrido. E nos deu uma outra pista importante, que os professores destacaram: a de investir mais em leitura de textos de linguagem não verbal, que também podem contribuir para formação leitora dos alunos.

Concluída a etapa das análises dos dados coletados, passamos para parte do planejamento, sendo que cada professora tinha em mãos o resultado da sua turma, nominalmente. Para isso, minhas intervenções tiveram como base o conceito de homologia de processo, termo cunhado por Donald Schön, que propõe aproximar a formação vivida pelos docentes a com que eles vão trabalhar com os estudantes em sala. Schön (1998) defende a ideia de que é necessário que o professor vivencie, durante o processo de formação, atitudes, valores, procedimentos de organização que, de alguma maneira, reflitam na sua prática pedagógica (SCHÖN, 1998).

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2011.
- CRECCI, V. M. FIORENTINI, D. **Desenvolvimento Profissional de Professores em Comunidades com Postura Investigativa**. ACTA SCIENTIAE, v. 15, 2013.
- IBIAPINA, I.M.L.de M.; BANDEIRA, H.M.M.; ARAÚJO, F.A.M. (Orgs.). **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. Teresina/Piauí: EDUFPI, 2016.
- MICARELLO, Hilda Aparecida Linhares. **Análise transversal de procedimentos de leitura mobilizados por estudantes do ensino fundamental. Relatório de conclusão de estudos pós-doutorais**. PUC Rio, 2016.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.